



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA LÚDICO-BRINCANTE

Karla Pereira Aprigio Silva¹
Fernanda Maria de Lima Ferreira²
Tallita Gonçalves dos Santos Belo³

RESUMO

A Educação Infantil tem as brincadeiras, as interações e a ludicidade como fundamentos das propostas pedagógicas, especificidades que também precisam sustentar os processos formativos das professoras dessa primeira etapa da Educação Básica. Diante deste problema, o presente estudo objetivou discutir a formação continuada como fomentadora de experiências lúdico-brincantes para professoras da educação infantil. Para tal, a metodologia amparou-se na pesquisa bibliográfica, ancorada na abordagem qualitativa. Os resultados revelaram que para subsidiar o desenvolvimento integral dos bebês e crianças, as professoras da Educação Infantil precisam de uma formação continuada integral que não dissocie os estudos teórico-metodológicos das experiências lúdico-brincante.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação Continuada; Brincadeiras e interações; Ludicidade.

¹ E-mail: karlinhaconsc@hotmail.com

² E-mail: limaferreiraaa25@gmail.com

³ E-mail: tallitags@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil o currículo configura-se em um conjunto de práticas e experiências articuladas aos saberes e interesses das crianças e bebês, sob a égide das inteirações e brincadeiras (BRASIL, 2009). O caminho para viabilizar essa especificidade curricular desafia aqueles que trabalham na educação infantil a desprenderem-se dos pressupostos adultocêntricos, a ponto de mergulharem, sensivelmente, nas culturas infantis para enxergar, ouvir e atender as necessidades das crianças (OLIVEIRA-FORMOSINHO; FORMOSINHO, 2013).

Essa imersão nos contextos diversos das infâncias evoca uma relação dialógica e brincante entre adultos e crianças, fato que demanda às professoras da educação infantil um processo formativo constante, capaz de abordar a complexidade do trabalho pedagógico nessa etapa e aproximar essas profissionais das culturas lúdicas infantis.

Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo discutir a formação continuada como fomentadora de experiências lúdicas para professoras da educação infantil. Nessa direção, disserta sobre a urgência de se efetivar propostas de formação continuada em uma perspectiva lúdico-brincante com o intuito de promover processos formativos que partam do reconhecimento das crianças como centro das práticas pedagógicas, fundamentados nos estudos das infâncias e das especificidades da educação infantil, momentos disruptivos

mediados pela música, pelas brincadeiras, pelas artes, pelo conhecimento e pelo contato direto com a natureza.

MÉTODOLOGIA

O percurso metodológico deste estudo amparou-se na pesquisa bibliográfica a partir da abordagem qualitativa, para nortear o processo de construção de um diálogo teórico coerente, gerando a produção de conhecimentos a partir da interpretação e ressignificação do objetivo de pesquisa à luz de estudos anteriores (FLICK, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, atende bebês e crianças de zero a cinco anos com a finalidade de promover-lhes o desenvolvimento integral por meio de uma prática educativa intencional pautada na indissociabilidade entre cuidar e educar (BRASIL, 1996; 2017). Nesse sentido, seu currículo constitui-se como “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico” (BRASIL, 2009, p.12). De modo que aquilo que as crianças aprendem e ensinam dentro e fora da instituição de Educação Infantil precisa ser objeto de reflexão e ação do fazer docente.

Além disso, a política curricular coloca as crianças e bebês como centro do processo educativo da Educação Infantil, garantindo que ao longo da etapa gozem dos seis direitos de

aprendizagem e desenvolvimento, a saber: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Para tanto as práticas pedagógicas devem priorizar a vivência da ludicidade como dimensão dos princípios estéticos e as brincadeiras e interações serem respeitadas como eixos estruturantes, perpassando todas as ações de educar e cuidar (BRASIL, 1996; 2009; 2017).

No entanto, ao analisar pesquisas como as de Wajskop (2012) e Silva e Silva (2025), percebe-se que barreiras atitudinais, estruturais, financeiras e pedagógicas impedem que a ludicidade, as interações e brincadeiras se efetivem como elementos entrelaçadores do cotidiano institucional. Como também evidenciam Barbosa e Fortuna:

A brincadeira livre dentro da sala de aula é muitas vezes considerada como dispensável devido à bagunça, movimentação e desestruturação da sala, tanto com relação à organização física do espaço, quanto em relação ao trabalho pedagógico e às interações das crianças. (2015, p.14).

Percebe-se nos estudos mencionados que persistem práticas de aprisionamento, proibição e controle da atividade lúdica brincante e das interações, alimentadas por profissionais que enxergam as brincadeiras e a ludicidade como algo que não pertence a dinâmica de um espaço escolar, priorizando nas rotinas atividades escritas em folha de papel e a exploração apenas da sala referência, mantendo-se as crianças sentadas e os bebês

nos berços por maior parte do tempo institucional.

Diante dessa conjuntura e ao considerar a docência como uma atividade especializada que “necessita do domínio de conhecimentos, da construção de saberes e competências e de constante processo de reflexão e ação compartilhado entre os pares” (IBIAPINA, 2007, p. 30). O presente estudo aponta a formação docente brincante e lúdica como lugar disruptivo, capaz de promover a superação do olhar limitante e limitador direcionado ao brincar e à ludicidade, e fomentar o diálogo entre a prática docente e as especificidades dos bebês e crianças na Educação Infantil, possibilitando encontros formativos que sejam epistêmicos e, concomitantemente, lúdico-brincantes.

Partindo da ideia de que “a Pedagogia sustenta-se, assim, numa práxis, isto é, numa ação fecundada na teoria e sustentada num sistema de crenças” (FORMOSINHO; OLIVEIRA-FORMOZINHO, 2013, p. 7). Para provocar mudanças nas práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil, se torna elementar investir numa discussão teórica profunda sobre o brincar, as interações e a ludicidade, desmistificando esses conceitos à luz de pesquisas dialógicas aos novos estudos das infâncias. De modo que este conhecimento poderoso provoque rupturas com crenças adultocêntricas, ligadas à educação tradicional e tecnicista, arraigadas no processo histórico, social e científico-pedagógico de construção da identidade docente de cada professora.

No âmbito da construção de conhecimentos e saberes, o brincar precisa ser problematizado como prática sociocultural que fundamenta as culturas infantis, uma linguagem e um comportamento que proporciona a participação ativa dos bebês e crianças no mundo. “O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário” (KISHIMOTO, 2010, p. 01). A liberdade da criança faz a brincadeira acontecer proporcionando aprendizagens indeterminadas e toda tentativa de dominação da brincadeira por outrem a destrói (BROUGÈRE, 2006).

É importante destacar que “a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras” (KISHIMOTO, 2010, p. 01). Assim, a viabilização do brincar de qualidade só é possível em um ambiente rico em interações diversas com as pessoas, os objetos, a natureza, a cultura, os brinquedos, sendo necessário dispor de diferentes espaços enriquecidos com uma infinidade de materiais que sejam seguros, acessíveis e interessantes.

Ao passo que interagem com brincantes mais experientes, como a professora e outras crianças e bebês de idades diferentes, as crianças complexificam seus modos de brincar, aprendem e ensinam brincadeiras, construindo e reconstruindo suas culturas lúdicas individuais e coletivas. “A cultura lúdica é, então, composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana [...]” (BROUGÈRE, 1998, p.108).

E a experiência brincante evoca a ludicidade que, de acordo com Luckesi (2014), se caracteriza como uma sensação subjetiva interna de prazer que envolve de alegria e plenitude aquele que brinca. No entanto, a ludicidade não é sentida apenas pelas crianças que brincam, mas se faz presente na vida humana em todas as fases, se manifestando ao realizarmos atividades externas a nós que proporcionam prazer, como assistir um filme, encontrar os amigos ou dançar. Ações que nos fazem viver o estado lúdico, “um estado interno de bem-estar, de alegria, de plenitude ao investir energia e tempo em alguma atividade, que pode e deve dar-se em qualquer momento ou estágio da vida de cada ser humano” (2014, p.19).

A liberdade e o bem-estar emocional são fatores preponderantes para que a ludicidade emerja. A atividade externa, por mais atrativa que aparente ser, por si só não garante a vivência do estado lúdico, pois quem participa precisa estar bem e plenamente

envolvido para assim sentir satisfação com aquilo que se está fazendo. “Uma atividade não é lúdica nem ‘não-lúdica’. Pode ser, ou não, a depender do estado de ânimo de quem está participando, assim como da circunstância em que participa da atividade” (LUCKESI, 2014, p.15).

Nesse sentido, o desafio que se estabelece na Educação Infantil está em não viver apenas algumas atividades potencialmente lúdicas esporádicas e descontínuas, mas fomentar uma prática educativa lúdica constante, que caracteriza-se pela construção de um ambiente educativo de liberdade, confiança, sensibilidade, afetividade, dialogicidade e criatividade. De maneira que seja possível aos bebês, crianças e professora experienciarem o processo educativo com entrega, inteireza, alegria, bem-estar, leveza, prazer e segurança.

A prática educativa lúdica demanda que a professora cuide da própria saúde emocional, para que estando bem crie um ambiente psicologicamente seguro junto aos bebês e crianças. E nesse cenário de afetos participe com eles do brincar, busque se divertir, investigar e conhecer as culturas lúdicas deles e crie estratégias de escuta sensível às diversas formas de expressão características dessa fase de desenvolvimento humano (LUCKESI, 2014).

[...] Respalda a prática docente nas brincadeiras e interações, tendo a ludicidade como princípio formativo, demanda um processo contínuo de

construção de um saber brincante exigente, constituído num diálogo constante entre os conhecimentos pedagógicos e os saberes experienciais (SILVA; FERREIRA; BELO, 2025, p. 85).

Acreditamos que é preciso oportunizar estudos teórico-metodológicos sobre o brincar, as interações e a ludicidade, mas também viver uma formação docente preocupada em acolher as profissionais da educação infantil, fortalecer os laços entre os pares e a coletividade, favorecendo a sensação de ludicidade por meio de experiências próprias das linguagens das infâncias, em encontros significativos e lúdicos. “Afim, vivência e cognição são facetas do mesmo ato de compreender e ter domínio sobre o mundo, ou seja, quem vivencia, conhece; e quem conhece, vivencia” (Luckesi, 2017, p. 102). Um processo formativo que conecte as professoras com o autocuidado, a natureza, as infâncias, as artes, a cultura, o humano. Em que seja possível dançar, cantar, brincar, rir, chorar, correr, comer, se lambuzar e sentir prazer em conhecer, pesquisar e participar da educação infantil como espaço de vida e transformação.

CONCLUSÕES

Entende-se que “[...] o saber lúdico é essencialmente vivencial [...]” (BARBOSA; FORTUNA, 2015, p.23). Desse modo, para que as professoras da educação infantil mergulhem de fato nas culturas das infâncias, estabelecendo um diálogo brincante com as crianças e os bebês, torna-se premente investir

em formações que possibilitem não só discussões no âmbito teórico-metodológico, mas que também proporcionem a prática de experiências lúdico-brincante para essas profissionais.

Contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, que é a finalidade da educação infantil, pressupõe que os momentos formativos abordem essa integralidade também, possibilitando que as professoras possam brincar, correr, pular, cantar, dançar, pintar, conversar, sorrir, explorar, participar, experimentar, colocar os pés no chão e contemplar a natureza.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Claudia; FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar livre na sala de aula de Educação Infantil: concepções de alunas formandas da Licenciatura em Pedagogia. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista, n. 15, Ano 9, p. 13-40, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, de 23 de dezembro 1996.
- BRASIL. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial [da União]**, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 12/10/2025.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- IBIAPINA, I. M. L. de M. A trama: o significado de docência. In: IBIAPINA, I. M. L. de M.; RIBEIRO, M. M. G.; FERREIRA, M. S. (Orgs.). **Pesquisa em Educação: múltiplos olhares**. Brasília: Líber Livros, 2007. p. 29-49.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1. 2010, Belo Horizonte. **Anais...**

Belo Horizonte: 2010. P. 01-20. Disponível em:<
<http://eferpaulofreire.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/12/Brinquedos-e-Brincadeiras-na-EI-Tizuko-Morchida-Kishimoto-FE-USP.pdf>>. Acesso em: 12/10/2025.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**. Salvador, n. 2, v. 3, jul./dez. 2014.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e aprendizagens: a experiência lúdica na educação. Entrevista concedida ao Dossiê – Entrevista. Cadernos RCC, n. 3, v. 4, ago. 2017.

SILVA, Karla Pereira Aprigio; SILVA, Maria de Fátima Gomes da. **Para uma etnografia do brincar no contexto da educação infantil de uma escola municipal de Nazaré da Mata-PE**. Maceió-AL: Kattleya, 2025.

SILVA, Karla Pereira Aprigio; FERREIRA, Fernanda Maria de Lima; belo, Tallita Gonçalves dos Santos. Brincadeiras e interações como eixos da formação de professores na creche em uma dimensão lúdica. **Revista Científica Sistemática**, Maceió, n.13, v. 14, p. 82-87, jul. 2025.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Educação Infantil**: uma história que se repete. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-participação**: a perspectiva educativa da associação da criança. Porto: Porto editora, 2013.